

ANAIS DO SETA, Número 1, 2007

O ESTATUTO DA REPETIÇÃO NAS AFASIAS

Rita de Cássia SILVA¹

RESUMEN: Este trabajo ten como objetivo desenvolver una idea en torno de la repetición en la lenguaje de los afásicos. Partindo de que el conocimiento más circunstancial de la naturaleza lingüístico-discursiva de la repetición, además de vislumbrar la distinción entre aspectos normales y patológicos, pueda proporcionar elementos para el contraste crítico de estereótipos vigentes, según los cuales la repetición, sea en el campo de la normalidad, sea em el contexto de la patología, es una excrecencia en relación a los procesos del lenguaje. Los datos serán extraídos de las situaciones interactivas entre afásicos y no-afásicos que frecuentam el CCA.

Introdução

No campo dos estudos neurolingüísticos, este trabalho, volta-se para o estudo da repetição na linguagem de afásicos. Contudo, uma face que salienta de maneira pouco prescritiva aspectos patológicos do fenômeno tem sido privilegiada pelos estudos neurolingüísticos. Partindo da idéia de que o conhecimento mais circunstanciado da natureza lingüístico-discursiva da repetição, além de vislumbrar a distinção entre aspectos normais e patológicos do fenômeno, possa fornecer elementos para o enfrentamento crítico de estereótipos vigentes, segundo os quais a repetição, seja no campo da normalidade (como no caso dos idosos, por exemplo), seja no contexto da patologia, é uma excrecência em relação aos processos de linguagem.

No campo afasiológico, o termo repetição é também tomado por Helm-Estabrooks (1995) como perseveração. Este termo foi introduzido no final do século passado por Neisser (1895), que o define como “uma repetição interativa ou a continuação de uma resposta anterior após a mudança na solicitação da tarefa”. A repetição, presente na linguagem de afásicos de diferentes etiologias e características neurolingüísticas, é associada à dificuldade de encontrar palavras, ao problema de acesso ou processamento lexical, a alterações sintáticas, aos problemas de ordem mnésica ou fono-articulatória. Tem integrado, dessa maneira, a constelação semiológica das afasias motoras (como a Afasia de Broca) e das afasias sensoriais (como a Afasia de Wernicke).

Como se sabe, as afasias têm sido classicamente divididas em dois grandes grupos: fluentes e não-fluentes, anteriores e posteriores, motoras e sensoriais. As afasias não-fluentes, cujas lesões são normalmente localizadas na parte frontal do cérebro, apresentam mormente problemas de expressão, fala telegráfica, agramatismo, apraxia buco-lábio-lingual. Tais são as características das afasias de Broca, por exemplo. Já as afasias fluentes, relacionadas às lesões localizadas na região mais posterior do cérebro

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Unicamp. Bolsista Fapesp (Proc. 06/53990-4). E-mail: ritacassiasil@yahoo.com.br

têmporo-parietal, apresentam mormente problemas de compreensão, ausência de déficits articulatórios, anomias, parafasias verbais ou semânticas. Tais são as características gerais das afasias de Wernicke, por exemplo.

No campo lingüístico, a repetição pode ser definida como produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo (Marcuschi, 1992). Nesta definição, está suposta a base empírica para a conversação, mas não fica excluída sua validade para outras formas de análise lingüística oral e/ou escrita.

No fluxo corrente da fala, é normal não nos darmos conta da quantidade de repetições que realizamos. Isto tanto em relação ao falante, como ao ouvinte, de modo que a compreensão do texto oral espontâneo se dá por estratégia natural de eliminações ou idealizações empreendidas pelo ouvinte. Segundo Marcuschi (*op.Cit.*), todos nós temos uma noção intuitiva do que seja uma repetição e, em muitos casos, sabemos identificar suas ocorrências, embora sem distinguir claramente tipos e funções.

Este trabalho, que se insere no campo da Neurolingüística, volta-se para o estudo da repetição em adultos afásicos, ou seja, sujeitos portadores de uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos lingüísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado à produção da fala), quanto interpretativo (relacionado à compreensão e ao reconhecimento dos sentidos), causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos cranianos ou tumores (Morato *et al.*, 2002).

Observando que a literatura na área dispõe de poucos estudos sistemáticos acerca da repetição, o que faz da presente proposta um estudo de grande importância, nosso intuito é desenvolver um estudo de caráter longitudinal sobre a repetição na linguagem de afásicos, analisando a ocorrência do fenômeno em meio a práticas lingüístico-interacionais de afásicos e não-afásicos.

O *corpus*, constituído de dados relativos mais especificamente a dois sujeitos afásicos, focalizará tanto as condições de emergência da repetição, quanto às suas características lingüístico-discursivas. O levantamento das ocorrências de repetição no *corpus* demandará uma análise não apenas quantitativa, mas descritiva e longitudinal do fenômeno. Para um melhor entendimento do processo de repetição, veremos dois exemplos que permitirão operacionalizar o aparato aqui apresentado:

JM: você limpa piscina também?

SM: ah!

JM: você limpa piscina também.

SM: eu lim... eu tô com vontade de pegar pra limpar.

Neste diálogo, ente os sujeitos *JM* e *SM*, foram encontradas ocorrências de auto-repetição oracional, próxima, literal, intra-turno (você limpa / você limpa), que é uma repetição que tem a função de compreensão por reforço.

EM: e desde então você não... não... começou a fazer bico?

SM: comecei fazer bico.

Neste outro diálogo, entre *EM* e *SM*, podemos perceber uma heterrepetição oracional, próxima, com variação, inter-turno (começou fazer bico / comecei fazer bico), com a função discursiva de interação por responsividade.

A perspectiva deste trabalho, com a análise lingüístico-discursiva da repetição é trazer luzes não apenas para um melhor entendimento do fenômeno no contexto afasiológico, como também para as relações entre aspectos patológicos e não patológicos.

Fundamentação Teórica

A repetição como um problema teórico e como item da constelação semiológica das afasias

Dentre os pesquisadores que em suas obras se pautam sobre o estudo da repetição, além de Marcuschi (1992), figuram Koch (2001), Ramos (1983), Tannen (1989), Lagrotta (2001) e Viscardi (2005), dentre outros. Esses autores, com exceção de Viscardi, focalizam a repetição na fala de sujeitos não-afásicos. Viscardi (2005), em sua dissertação de mestrado, analisou especificamente o fenômeno do automatismo em contextos afasiológicos. Como o próprio nome sugere, o automatismo é tradicionalmente caracterizado como produção automática, isto é, ocorre independentemente da intenção do sujeito, sendo, portanto, considerado involuntário.

De acordo com Viscardi (2005:23), considerar a linguagem sob o plano das afasias é colocar diversas reflexões desenvolvidas no âmbito da teoria lingüística. De acordo com a autora, isto se justifica porque os “desvios” presentes na fala dos sujeitos afásicos revelam aspectos da língua que podem, muitas vezes, ser considerados à margem da teorização lingüística ou, ainda, considerados “em tese”, ideais.

A relação entre repetição e oralidade tem sido enfatizada na literatura neurolingüística, sendo o fenômeno associado a diferentes processos, tais como a perseveração, a parafasia, a iteração, a estereotipia, o circunlóquio, o automatismo (Cf. Rondal & Seron, 1999: 663 - 667). Contudo, o estatuto lingüístico da repetição nas afasias encontra-se ainda não inteiramente definido, o que requer que busquemos para ele melhores contornos explicativos. A relação entre repetição e contextos lingüístico-cognitivos de produção de fala, certamente é uma das questões a serem ainda esclarecidas.

Os estudos da língua falada reúnem hoje contribuições de várias correntes teóricas, buscando-se uma forma de conceber e explicar o texto conversacional e examinar primordialmente a interação entre sujeitos.

A repetição na fala, de acordo com Marcuschi (1992), constitui formulação típica de um planejamento lingüístico *ad hoc*. Na escrita, com a possibilidade de revisão e editoração com apagamentos sucessivos, só se obtém a versão final, o que é possível na fala, já que aqui nada se apaga, de modo que a repetição passa a fazer parte do próprio processo de edição.

Na escrita, como bem lembra Lagrotta, (2002:21), é possível reelaborar o que se diz antes de apresentar o texto final a ser lido e compreendido pelo interlocutor. Quando se fala, isso não pode acontecer; parte da atividade de criação conjunta do texto falado é destinada à reformulação textual usada – por todos os falantes, crianças, jovens, adultos, idosos e portadores de alguma deficiência – com o intuito de efetivar a compreensão, de

promover o reconhecimento da interação do falante e de estabelecer da melhor forma a interação comunicativa.

Tannen (1989:17) chega a uma conclusão importante ao distinguir dois grupos de estratégias de envolvimento baseadas na repetição: estratégias baseadas no som e estratégias baseadas no significado. Isso torna a repetição uma estratégia central da oralidade, identificando-se como uma natureza formulaica. Por outro lado, a repetição constituiria o fio condutor da interação ao propiciar o envolvimento dos falantes em seus “negócios interacionais”.

Segundo Marcuschi (op Cit), como o texto conversacional vai sendo compreendido na medida em que é produzido, a repetição serve de suporte natural para o processo de compreensão. Tanto assinala ou indica como o falante se compreende, a si mesmo, quanto indica como pretende que o ouvinte o compreenda, revelando, pois, uma socialização cognitiva ou uma cognição social.

Objetivos

Este trabalho parte da idéia de que o conhecimento mais circunstanciado da natureza lingüístico-discursiva da repetição, além de vislumbrar a distinção entre aspectos normais e patológicos do fenômeno, pode fornecer elementos para o enfrentamento crítico de estereótipos vigentes, segundo os quais a repetição, seja no campo da normalidade (como no caso dos idosos, por exemplo), seja no contexto da patologia, é uma excrescência em relação aos processos (normais) de linguagem.

Com isso, pretendemos estudar longitudinalmente a emergência da repetição na linguagem de dois sujeitos afásicos em situação interativa, com a finalidade de conferir maiores contornos explicativos para o fenômeno, um expediente lingüístico-interacional que tem integrado a semiologia neurolingüística de forma pouco consistente em termos teóricos e metodológicos.

Metodologia

A constituição do *corpus* deste trabalho dar-se-á a partir da observação do acervo de pesquisa mais ampla coordenada pela Prof.^a Dr.^a Edwiges Maria Morato junto ao Centro de Convivência de Afásicos, sediado no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp². Portanto, nossos dados, referentes a práticas discursivas nas quais se engajam pessoas afásicas e não afásicas, estará concentrado no decorrer de 12 meses, entre 2004 e 2005, totalizando 32 encontros dos quais participam os dois sujeitos afásicos a serem focalizados. Os dados, digitalizados, estão também já transcritos, e fazem parte do acervo da pesquisa supra-mencionada. Serão focalizados na presente

² O Centro de Convivência dos afásicos (CCA), fundado em 1989, em uma ação conjunta do departamento de Lingüística e o de Neurologia, ambos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), fica localizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). É um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas, objetivando proporcionar aos afásicos situações de uso da linguagem e demais rotinas significativas da vida na sociedade.

pesquisa dois sujeitos, um com afasia de Broca e outro com afasia de Wernicke, que participam dos encontros do CCA.

Para efeitos de identificação, classificação e análise da repetição seguiremos a proposta de Marcuschi (1992), na qual o autor propõe o uso de aspectos formais, textuais e discursivos. Elencaremos a seguir os três respectivos aspectos utilizados pelo autor:

Quadro I – A Repetição: Aspectos Formais

Aspecto	Marca
Produção	Auto-repetição turno Intra-turno Interturno
	Heterorrepetição Interturno
Segmento	Fonológica Morfológica Lexical Sintagmática Oracional
Distribuição	Contígua Próxima Distante
Configuração	Literal Com variação

Quadro II - Funções Textuais de Repetição

Marcas	Função
Coesão	Seqüencial Referenciação
Formulação	Reconstrução de estruturas Correção Expansão Parentização Enquadramento

Quadro III - Funções Discursivas da Repetição

Marcas	Função
Compreensão	Intensificação Reforço Esclarecimento
Tópico discursivo	Amarração intermitente Reintrodução de tópicos Delimitação de episódios Atualização da Cena
Argumentação	Reafirmação Contraste Contestação
Interação	Monitoração da tomada de turno Ratificação do papel do ouvinte Criação de humor e ironia Incorporação Responsabilidade

Forma de Análise dos Resultados

A obtenção e a análise qualitativa dos dados será dedicada ao levantamento e à análise dos tipos de dados de ocorrências de repetições no *corpus*. Faremos ainda a quantificação dessas ocorrências, em termos de forma e função, sendo cada tipo específico apresentado em seção própria, para fins de melhor compreensão. A análise linguístico-conversacional incidirá sobre a emergência ou o uso que cada falante em situações interativas faz da repetição de sua fala, havendo, em seguida, um levantamento do emprego das repetições. O trabalho procurará, assim, mostrar de que maneira emerge a repetição na linguagem de afásicos, em situações interativo-conversacionais.

Referências Bibliográficas:

- KOCH, I. G. V. (2001). *A Repetição e suas Peculiaridades no Português Falado no Brasil*. HUDINILSON, U. (org) et. al. *Dino Preti e Seus Temas: Oralidade, Literatura, Mídia e Ensino*, 118-127. São Paulo: Cortez.
- _____. (org) (1997). *Gramática do Português Falado*. Vol. VI: Campinas: Desenvolvidos.
- LAGROTTA, M. G. M. (2001). "A Repetição em Idosos em Diferentes Situações Institucionais". Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP.
- MARCUSCHI, L. A. (1992). "A Repetição na Língua Falada: Formas e Funções". Tese de livre docência. UFPE.
- MORATO, E. M. (org), et. al. (2002). *As afásias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (CCA)*. Campinas: Ed. Unicamp.
- NEISSER, P. (1895). *Krankenvorstellung (Fall von "Asymbolie")*. Allg.Z. Psychiat. 51:1016.

- HELM-ESTABROOKS, N. (1995). "Treatment of aphasic perseveracion (TAP) program. A new approach to apraxia therapy". *Arch Neural*, 1253 – 1255.
- RAMOS, J. (1983). "Hipótesis para uma taxonomia das repetições no estilo falado". Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
- RONDAL, J. & SERON, X. (Eds), (1999). *Troubles du langage: Bases théoriques, diagnostic et rééducation*. Sprimont, Bélgica: Peirre Mardaga.
- TANNEM, D (1989). *Talking voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VISCARDI, J. M. (2005). "O Estatuto Neurolingüístico do Automatismo". Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.